

Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro.

Alan Augusto Moraes Ribeiro¹.

RESUMO:

Masculinidades negras tem aparecido recorrentemente em discussões públicas e pesquisas acadêmicas em leituras que parecem girar em torno de lugares analíticos opostos. De modo geral, potência sexual, privilégios sociais limitados, estereótipos de não-humanidade simbólica e de impotência social, subordinação política, animalização e sexualização exacerbada são elementos aparecem nas representações em torno da masculinidade negra, sendo objetos de diferentes reflexões e estudos (Fanon, 2007; West, 1994; Gates, 2001) Estas críticas, na presente interpretação, não deixam de ser produtivas, pois ainda são necessárias porque ajudam a suscitar a ambivalência nos modos pelas quais as masculinidades negras são percebidas normativamente em sociedades construídas na dominância, estruturadas nas desigualdades de gênero e constituídas por processos múltiplos de diferenciação racial ainda. Entretanto, ao registrar neste artigo um conjunto de análises produzidas a partir da perspectiva da interseccionalidade sobre masculinidades racializadas, produzidas por homens e mulheres, quero argumentar em favor de uma perspectiva de análise acerca das masculinidades racializadas que tensionem lógicas dicotômicas. A interseccionalidade ajuda a perceber como os diferentes sujeitos vivenciam as maneiras pelas quais seus corpos são racializados e masculinizados durante os processos de socialização e de constituição política do Eu. A interseccionalidade pode auxiliar na construção de uma compreensão destes processos a partir dos próprios sujeitos, especialmente entre homens negros, com os quais estes projetos de gênero são associados.

Palavras Chave: Masculinidades negras – feminismo negro – interseccionalidade – gênero – raça.

ABSTRACT:

Black masculinities has appeared repeatedly in public discussions and academic research in readings that seem to revolve around analytical opposite places. In general, sexual potency, limited social privileges, symbolic nonhumanity stereotypes and social impotence, political subordination, animalization and exacerbated sexualization are elements appearing around the black masculinity, being the objects of criticisms of different black intellectuals men (Fanon, 2007; West, 1994; Gates, 2001) These criticisms, in this interpretation, do not stop being productive, they are still necessary because they help raise the ambivalence in the ways in which the black masculinities are perceived normatively in societies built on dominance, structured in gender inequalities and composed by multiple processes of racial differentiation. However, in this article I will registering a set of readings produced from the perspective of intersectionality of racialized masculinity produced by men and women; I will argue that such analyzes can help us to make non-dichotomous thinking about these racialized masculinity. Intersectionality helps to understand how the different subjects perceive the ways in which their bodies are racialized and masculinized during the socialization process and the I political

1

Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP).

constitution. Intersectionality can help build an understanding of these processes from the subjects themselves, especially among black men with whom these kind of projects are associated.

Keywords: Black masculinity – Black feminism – intersectionality – gender – race.

1. Interseccionalidade: um novo olhar sobre masculinidades racializadas?

Nos estudos sobre gênero não é novidade assinalar que a entendimento das construções políticas e culturais sobre o feminino e sobre as feminilidades exige a compreensão das construções do masculino e das masculinidades em uma perspectiva que desmobilize binarismos, “desdobre o gênero” e desconstrua as oposições que tem criado e endossado uma falsa oposição entre igualdade e diferença (Scott, 1988: 38). Nestes estudos, assinala-se que este binarismo tem servido para o estabelecimento de diversas hierarquias políticas e culturais entre feminilidades e masculinidades. Isto nos leva a admitir que um dos problemas apontados neste debate tem sido, exatamente, a dicotomização entre masculinidade e feminilidade, apresentada como um “problema” a ser discutido (Nicholson, 2000; Scott, 1994; 1995)². Uma das possibilidades apresentadas para a desmobilização da dicotomização entre masculino e feminino pode estar tanto na identificação de diferentes masculinidades que não se constroem como oposições as feminilidades (Fialho, 2006), como na discussão sobre diferentes resultados oriundos de processos de socialização e sociabilidade diversos que masculinizam os corpos também de modo diverso (e fragmentário) (Medrado, 2015: 65).

Em outras palavras, se os sujeitos são socializados de maneiras diversas e fragmentárias, vivenciando o masculino e o feminino como processos contíguos e contínuos, experienciando a diferenciação racial e a estratificação econômica de diferentes maneiras, devemos discutir as experiências sociais destes sujeitos a partir de uma estratégia analítica e textual que ressalte o diverso e o fragmentário, a variação e a descontinuidade. Mesmo que estas diferentes masculinidades sejam vividas sem o peso da dicotomização, elas ainda tem sido interpretadas analiticamente a partir dela, fazendo com que ocorra um “(...) reducionismo implícito da masculinidade como um adjunto social, cultural e físico do corpo masculino” (Haywood & Mac an Ghail, 2014, p. 582) persistente e que ainda é difícil de desconstruir.

2 Para Joan Scott (1995, p. 82) “O princípio de masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito; e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino”. Para ela, portanto, masculino e feminino são construções subjetivas e ficcionais, mesmo socialmente poderosas.

Neste artigo tento demonstrar que a perspectiva da interseccionalidade elaborada pelo feminismo negro a partir das chamadas “epistemologias do ponto de vista” (Gilroy, 2001, p. 120), ao lado de alguns autores estadunidenses auto-identificados como *Black male feminist*³ (“homens negros feministas”), associados teoricamente com o feminismo negro e inspirados pela perspectiva da interseccionalidade pode ajudar a reinscrever diferentes maneiras de pensar sobre masculinidades negras, desenvolvendo “práticas analíticas de auto-investigação/auto-interesse e uma adequada crítica feminista ao patriarcado” (Awkward, 2001: 183). Acredito que estas práticas analíticas podem estimular debates alternativos sobre masculinidades negras ao refletir sobre subjetividades, socialização e experiências políticas da racialização e da masculinização fora de análises que destacam o status social decorrente da marginalização, da exclusão econômica, da subordinação e dos estereótipos raciais para falar sobre homens negros (Pinho, 2012; 2014; Nkosi, 2014; Rosa, 2006; Souza, 2009).

Argumentarei que a perspectiva da interseccionalidade pode ser muito produtiva para este trabalho analítico ao propor a correlação entre raça, gênero, classe (sexualidade e nacionalidade) e indicar maneiras de mapear diferentes masculinidades racializadas conforme a vivência de distintas experiências sobre a vida social que não se atrelem ao status subordinado. A perspectiva da interseccionalidade consiste em desmobilizar debates “mono-categoriais” feitos para discutir as complexidades da vida social.

A perspectiva da interseccionalidade pode nos auxiliar na identificação de certos traços e condutas estereotipados e estigmatizados veiculados em imagens em controladas que aparecem imiscuídas com as construções ontológicas supostamente feitas pelos próprios sujeitos e, deste modo, vistas como subscritas por estes sujeitos (Collins, 2000, 1998; Crenshaw, 1993; hooks, [1984] 2000). Com o conceito de “imagens controladas”⁴, podemos discutir as masculinidades negras por meio de registros que separem o que os sujeitos pensam sobre si mesmos das imagens sociais arbitrárias feitas sobre eles, de modo que homens negros que vivenciam masculinidades racializadas possam tecer narrativas sobre si que estejam fora desta representação controlada sobre o Eu (Collins, 2000; Crenshaw, 1993; West, 1994).

3 David Ikard, Kiese Laymon, Mark Anthony Neal, Ta-Nehisi Coates, Michael Awkward e Charles Johnson são alguns exemplos destes autores identificados com o termo “homens negros feministas” (Awkward, 2001).

4 Imagens controladas são representações simbólicas usadas para registrar arbitrariamente confusões entre as concepções e ideias feitas pelos sujeitos sobre si mesmos com um conjunto de estereótipos produzidos historicamente sobre estes sujeitos que pretendem ser vistos como concepções e ideias (Collins, 2000; 2004).

Interseccionalidade se refere a formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de sexualidade e nação. O paradigma de intersecção nos lembra que a opressão não pode ser reduzida à um tipo fundamental e que opressões trabalham juntas na produção de injustiças (Collins, 2000: 21). *Tradução minha.*

Invocar as discussões sobre masculinidades negras presentes em autoras/autores que articulam a perspectiva da interseccionalidade pode ajudar a tecer análises que tensionem estes debates mono-categoriais a partir do “olhar sobre si mesmo”, articulando narrativas sobre homens negros em experiências relacionais complexas que sejam vistas sob múltiplas categorias, de modo que as ontologias sejam re-vistas como fragmentadas, multifacetadas, polissêmicas, variáveis e multiposicionais (Brah, 1996; Anzaldúa, 2005; hooks, 1992). Em outros termos, estas análises apontam para uma construção que seja uma desconstrução do sujeito, buscando mobilizar narrativas forjadas “a partir de si mesmo” como críticas sobre o androcêntrismo, suplantando representações destas masculinidades negras como se fossem transparências diretas do Eu (West, 1993, Johnson, 2001). O *ponto de vista privilegiado* sobre si, presente no feminismo negro, é complexo, pois exige crítica e auto-crítica. Ele parece ser um instrumento que tenta colocar em prática a neutralidade axiológica e o conhecimento oposicional nas análises sobre a vida social. Este ponto de vista privilegiado é:

uma única mistura de um modo de conhecer que seja experiencial e analítico, que seja um ponto de vista privilegiado. Ele não pode ser adquirido através de livros ou mesmo pela observação distanciada e do estudo de uma realidade particular. Para mim, este ponto de vista privilegiado não emerge da “autoridade da experiência”, mas a partir da paixão da experiência (hooks, 1991, p. 182). *Tradução minha.*

Esta noção de ponto de vista privilegiado não é excludente, tampouco essencialista. Pretende articular a criticidade com a vivência, a experiência com a teorização, a paixão pelo conhecimento e o conhecimento da paixão a partir de múltiplas categorias analíticas que desvendem os mecanismos de funcionamento do poder (hooks, [1984] 2000). Esta noção pode ajudar a ressaltar um conjunto de complexidades vividas por homens negros que devem estar presentes em uma “percepção multiposicional do ethos masculino negro”, concebendo-os previamente como sujeitos sócio-psicologicamente heterogêneos, polimorfos, instáveis, paradoxais e criativos (Ikard, 2002: 302; Awkward, 2001; Neal, 2005 Laymon, 2013).

A construção desta “multiposicionalidade” para o estudo das masculinidades negras a partir da perspectiva da interseccionalidade é um desafio ao “(...) silêncio que tem sido um gesto de cumplicidade, especialmente o silêncio sobre os homens negros” entre aqueles/as que

estudam a relação entre raça, gênero, classe, sexualidade e nacionalidade (hooks, 1989: 128). Desafiar este “silêncio” implica em criar um vocabulário analítico que apresente as especificidades dos modos sociais de produção das masculinidades negras. Em outras palavras, a interseccionalidade pode ajudar a demonstrar como as estruturas de gênero que envolvem relações de poder, relações de produção (divisão do trabalho, dividendos patriarcais), relações emocionais (catexia) e simbolismos dos processos de comunicação (regras gramaticais e sintáticas) (Connel, 2000, p. 24) se relacionam com significados raciais, estilos de vida e visões de mundos de distintos grupos sociais para atuar no processo de constituição de masculinidades racializadas, identificando suas formas, tipos e expressões diversos.

Para se criar um vocabulário analítico adequado que identifique e explique estes modos sociais de produção destas masculinidades negras, precisamos também de diferentes discursos críticos e perspectivas analíticas que auxiliem na codificação e explicitação discursiva dos detalhes dos processos de socialização que fazem homens negros se tornarem homens negros (Awkward, 2001; Ikard, 2002; Gates Jr., 2001). Esta explicitação intelectualmente engajada de um lugar de fala é certamente uma ruptura com o objetivismo acadêmico e com níveis duros de neutralidade analítica. É também uma busca, a partir da legitimação dos múltiplos lugares sociais que produzem conhecimento no campo das humanidades, de pensamentos que sejam oposicionais ao pensamento binário (hooks, 1995).

A interseccionalidade ajuda a perceber que os processos de socialização não ocorrem de modo polarizado. Processos de socialização ocorrem em todas as relações sociais, durante toda a vida dos indivíduos e devem ser vistos como partes dos sistemas de dominação político, não como produtos totalmente dependentes destes sistemas (Cavalleiro, 1999). Devem ser vistos como processos decorrentes de interações e processos sociais cotidianos que atuam sobre a auto-imagem dos indivíduos. A crítica feita pela perspectiva da interseccionalidade ajuda a lembrar que os contornos raciais e sexuais arbitrários produzidos sobre diferentes corpos sem seu consentimento não devem ser vistos como limites ontológicos, não devem ser vistos como definidos de todos os discursos sobre si (Anzaldúa, 2005: 710). A interseccionalidade também ajuda a criticar permanências semânticas em análises e estudos sobre masculinidades negras que insistem em inscrever estas configurações de gênero racializadas sob o signo do “negro-como-corpo” (“*black-as-body*”) e noções similares, expondo as linhas limítrofes pouco perceptíveis acerca da experiência discursiva sobre si, a partir de si e para si como sujeito reflexivo (Johnson, 2001: 228).

2. Quais masculinidades negras? A crítica do feminismo interseccional.

Para Raewyn W. Connel, masculinidades são processos que nomeiam configurações da prática de gênero, podendo ser concebidos como “projetos de gênero” que não devem ser vistas como equivalentes de agrupamentos de homens, pois masculinidades são processos e não grupos de pessoas (Connel, 2000: 28; Connel, 1995). Masculinidades são, para Raewyn W. Connel lugares de privilégio que fazem com que a maioria dos homens receba dividendos patriarcais, “(...) aquela vantagem que os homens obtêm em geral da subordinação das mulheres” (Connel, 1997: 14). Diferentes masculinidades são produzidas em um mesmo contexto e decorrem de relações que envolvem a dominação, a marginalização e a cumplicidade. Raewyn W. Connel acrescenta que as masculinidades são constantemente reconstruídas e mudam constantemente durante a história (Connel, 1995: 191; 2000: 30).

Masculinidades são configurações da prática dentro das relações de gênero, uma estrutura que inclui instituições e relações econômicas em larga escala, bem com relacionamentos face-a-face e sexualidade. Masculinidade está institucionalizada nesta estrutura, assim como é um aspecto do caráter individual ou da personalidade (Connel, 2000: 29). *Tradução minha.*

Ela também descreve que existe um regime de gênero no qual podemos identificar as *masculinidades hegemônicas* (onde ser branco, heterossexual, rico e ocidental são suas marcas mais visíveis) que estão sobrepostas e orientam a construção das *masculinidades marginalizadas ou subordinadas* (aquelas masculinidades identificáveis entre homens negros, gays, pobres, não-brancos, transgêneros). Neste modelo, Connel assinala que as masculinidades não são identidades fixas, mas configurações da prática de gênero que devem ser lidas como constructos políticos localizados hierarquicamente neste regime.

Entretanto, no que tange às masculinidades negras, é possível identificar neste modelo uma insuficiência. Quando percebe as masculinidades negras a partir da masculinidade hegemônica como símbolo de poder patriarcal racial, este modelo pode nos levar a reduzir as leituras sobre a) as complexidades das subjetividades vividas por homens negros percebidas sobre si mesmos e b) as múltiplas práticas sociais por eles experienciados que passam a ser lidas a partir do status político subordinado vivido no interior da estrutura racial dominante, concebendo-os de modo homogêneo. Além disto, este modelo negligencia vivências concretas de diferentes homens negros em um conjunto de outras relações vividas em práticas

cotidianas, em espaços de lazer, na interação com familiares, com a comunidade de origem ou em contextos que os valorizem como indivíduos autônomos (Summers, 2004; hooks, 2004).

Pensar masculinidades negras por meio da interseccionalidade é poder registrar que a cultura falocêntrica também é danosa para homens negros. Um exemplo é a desconstrução da ideia de que homens negros concebem como fraquezas elementos destas masculinidades porque são associados diretamente com o feminino e não com a branquidade. Charles Johnson (2001: 225) assinala que a negação de qualquer prática ou ação vista como “coisa de homem branco” se tornou um problema para homens negros. Se, por um lado, buscava se manter uma imagem positiva sobre si como indivíduo autônomo e forte diante da desigualdade racial, por outro lado homens negros realizaram esta negação pondo em prática recusas do feminino, pondo em prática ações misóginas e sexistas. Outro exemplo é a condenação da possibilidade de se assumir publicamente como um sujeito com fragilidades e sofrimentos em favor da potencialidade corporal e da insensibilidade, construindo “ficções do eu como homens negros” (Awkward, 2001: 190). Isto ajuda a explicitar no plano da análise que os efeitos do racismo e do sexismo não são unidirecionais e não atuam da mesma maneira sobre diferentes homens negros e mulheres negras. A perspectiva da interseccionalidade também nos lembra que os efeitos políticos negativos ou positivos em torno dos diferentes grupos raciais e sexuais (e a própria construção destes grupos como socialmente existentes) são produtos *a posteriori*, decorrem das articulações entre sexismo e racismo e não preexistem à eles:

O problema não é simplesmente que ambos os discursos falham por não reconhecer o problema "adicional" de raça e do patriarcado sobre as mulheres de cor, mas que os discursos são muitas vezes inadequados até mesmo para as tarefas distintas de articulação das dimensões totais de racismo e sexismo. Porque as mulheres de cor experimentam o racismo de maneiras nem sempre similares aquelas experimentadas por homens de cor, bem como o sexismo de maneiras nem sempre paralelas as experiências de mulheres brancas; anti-racismo e feminismo são limitados, mesmo em seus próprios termos (Crenshaw, 1993: 1251). *Tradução minha.*

Com a perspectiva da interseccionalidade, não se pretende explicar que diferentes opressões atuam de maneiras equivalentes e justapostas ou se somam e se encontram na vida social individual de um sujeito injustiçado. Esta perspectiva também não pretende explicar tudo, como um corpo teórico totalizante. Ao sugerir que um “homem, rico, branco e heterossexual” precisa ser investigado por meio deste quadro interpretativo, deixamos de conceber esta construção histórica, política e simbólica como uma inscrição política

tacitamente apriorística e auto-evidente, sempre e para sempre privilegiada (Laymon, 2013). Esta inscrição passará a ser objeto de análise, minando sua pretensão de universalidade.

A abordagem interseccional é, deste modo, uma leitura complexa que pode ser usada para (re)pensar relações sociais e sujeitos, exigindo a investigação detalhada dos privilégios vividos por este “homem, rico, branco e heterossexual”. Por isso, é na análise de formas reais de ser homem diante das vivências de diferentes processos sociais que poderemos investigar se um “homem, negro, gay e pobre” é a antítese subalternizada daquele, um tipo ideal desigual que alimenta o privilégio daquele ou outra maneira específica de constituição do masculino que ocorre sob ontologias, percepções políticas e performances simbólicas próprias sobre si, mesmo que diante das ações de outros indivíduos (Gates, Jr, 2001; Fialho, 2006).

Isto pode nos levar a fazer dois conjuntos de perguntas: 1). Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios? 2.) Dividendos patriarcais são recebidos *do mesmo modo* por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades racializadas? Os estereótipos sobre homens negros são também resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas?

Se estes privilégios permanecem intactos mesmo quando são recusados discursivamente por alguns homens, resta saber se esta vantagem é recorrentemente presente ou aparece de modo contingencial conforme o contexto relacional vivido (hooks, 2000). O que a perspectiva da interseccionalidade ensina é que estas indagações somente fazem sentido produtivo para a análise se pensarmos em relações sociais nas quais o “encravamento” entre raça, classe e gênero é mobilizada a partir do que bell hooks (1990: 624) denomina como *Black Experience*, um “pensamento e elaboração vernáculos críticos sobre estética, arte e cultura”, uma experiência coletiva e intelectual na qual o olhar “desde dentro” desloca a crítica e auto-crítica política nos processos de conhecimento feitos sobre os grupos sociais marginalizados sobre si mesmos, sobre as relações sociais múltiplas vividas por tais grupos. O valor do feminismo para homens negros deve se originar da habilidade de literalmente transformar nossa visão de mundo, particularmente em relação a nossa aceitação de versões muito rígidas sobre masculinidades negras (Ikard, 2002; Awkward, 2001; Neal 2005).

Antes que homens negros possam produtivamente mobilizar o feminismo negro sobre questões da masculinidade negra, eles devem, contudo, aceitar que sua vitimização como homens negros não os exime da participação no patriarcado (...)

Existe um desafio real para homens negros que conscientemente policiam seu próprio privilégio patriarcal (Ikard, 2002: 310). *Tradução minha.*

Dentre os escritos de feministas negras estadunidenses que articulam a perspectiva da interseccionalidade, bell hooks é a autora que mais escreveu sobre masculinidades e homens negros. Em seu primeiro escrito sobre o tema, no livro *Feminist Theory: from margin to center* ([1984] 2000), discute a composição racial do feminismo radical estadunidense para depois explicitar que a associação entre o discurso anti-homem deste grupo do feminismo estadunidense e o lugar racial e de classe das integrantes tanto negligencia parcerias e relações positivas entre mulheres e homens negros na luta antirracista, como também esconde que este grupo de mulheres possui mais privilégio e poder real do que muitos homens negros.

Para bell hooks, posicionamentos radicais anti-homem que localizam homens negros, pobres e pouco-escolarizados no mesmo lugar que homens brancos de classe média e ricos, definindo-os do mesmo modo como os “inimigos”, os “opressores” e os “misóginos” silenciam sobre o lugar social quase similar que suas defensoras ocupam, muitas vezes, ao lado dos segundos (hooks, [1984] 2000: 69). Ademais, este tipo de ação política enfatiza conflitos, ódios e aversões que já existem nas relações entre mulheres negras e homens negros em decorrência do racismo e do sexismo, negligenciando o fato de que certos lucros políticos oriundos dos privilégios patriarcais não são “recebidos” do mesmo modo por todos os homens. Para bell hooks, tais discursos liberais em favor da luta por igualdade com os homens tanto não explicita o tipo social de homens com quem se quer a igualdade, como também minimiza a possibilidade de parcerias entre mulheres e homens anti-sexistas de diferentes grupos sociais em ações políticas concretas (hooks, [1984] 2000: 72).

Posteriormente, em uma segunda reflexão sobre o tema, em um capítulo do livro (hooks, 1989: 131), além de registrar, no final da década de 1980, a pouca produção intelectual do feminismo negro interseccional sobre masculinidades negras, assinala que tal reflexão possuiria o diferencial de perceber o sexismo e a misoginia em torno dos homens negros também no espaço das relações íntimas e privadas. Neste texto, bell hooks diferencia o encontro de submissão-dominação do encontro de amor e cuidado para sugerir que, embora o segundo possa ocorrer de modo menos problemático para o homem negro nas relações que ele têm com mães e irmãs, a reversão desta distorção feita sob a dominação masculina pode ser encontrada na reciprocidade e no cuidado afetivo.

Esta reciprocidade e cuidado afetivo podem ser nutridos pelo amor e pelo diálogo como ações concretas, exigindo que estes homens assumam privilégios vividos nas relações. É nesta segunda reflexão que bell hooks, começa a discutir homens negros e suas relações a partir dos modos pelos quais são socializados na família, nas escolas e nos grupos de amigos. Ela aponta a virilidade entre homens negros como um bloqueio valorativo que dificulta a expressão de complexidades emocionais, suscetibilidades, complexos e fraquezas psicológicas que precisam ser explicitados como algo existente e reconhecido publicamente, resgatando a humanidade e desafiando a animalização (hooks, 1989: 132).

No terceiro escrito, bell hooks (1992), reitera que o destaque dado à virilidade como um valor central presente no comportamento de homens negros e na análise sobre masculinidades acaba por negar um conjunto de outras complexidades psicológicas, bem com simbologias e significados próprios atinentes às masculinidades negras. Neste estudo, hooks discute o que ela chama de *reconstrução*, isto é, uma abordagem que se preocupa com os estudos específicos sobre masculinidades negras e com os reflexos práticos de representações que divulgam uma masculinidade negra como essencialmente falocêntrica, omitindo que “apesar do ideal patriarcal ter sido a versão de masculinidade mais estimada, ela não foi a única versão escolhida por homens negros como um estilo de vida (...), alguns questionaram o *status quo*, evitaram uma identidade patriarcal pronta e inventaram uma para si mesmos” (hooks, 1992: 88). Homens negros, deste modo, “(...) subverteram normas e desenvolveram modos de pensar sobre masculinidade que desafiam o patriarcado” (hooks, *Op. Cit.*: 89).

A ideia de reconstrução procura criticar a pressuposição que existe em alguns trabalhos sobre masculinidades negras que consistem em sugerir que há uma procura tácita entre homens negros pela imagem do patriarca como algo constante, como uma regra. Esta ideia sugere uma mimetização precária de uma imagem tida como um coerente eu racial integral ideal com outra imagem, a saber, aquela na qual a masculinidade de um homem negro atua como uma entidade fantasmagórica e incompleta na auto-percepção sobre si como individualidade (Johnson, 2001; Laymon, 2013; Neal, 2005; Gilroy, 2001).

Um exemplo disto pode ser encontrado nas explicações que tomam êxitos e sucessos materiais e simbólicos das mulheres como explicação das “violências obsessivas” cometidas contra elas pelos homens (Velásquez, 2006: 106). Ao registrar que a violência de gênero vivida por mulheres negras seria resultado de um sentimento de castração e de emasculação simbólica entre homens negros, incapazes de prover e sustentar suas famílias em

consequência do desemprego e da marginalização material e simbólica, bem como do “medo masculino da impotência ou da homossexualidade” (Bandeira, 2013: 70), estes estudos vão de encontro à perspectiva da reconstrução podendo, perigosamente, registrar que homens negros são aficcionados e desejosos por esta masculinidade obsessivamente violenta, fazendo com que esqueçamos que “(...) os homens negros que estão mais preocupados com a castração e emasculação são aqueles que estão completamente absorvidos pelas definições de masculinidade 'essencialmente' patriarcais da supremacia branca” (hooks, 1992: 93).

Com esta abordagem se pretende desmobilizar a ideia reificada que associa a “macheza” com provisão material da família e uma correspondente autoridade patriarcal, acompanhada por insensibilidade emocional, heterossexualidade e comportamento misógino. Ao lado disso, insistir na discussão de uma “identidade masculina negra violenta” decorrente do não cumprimento do papel de provedor familiar tanto estereotipa e culpabiliza previamente homens negros, como ofusca questões mais básicas que precisam ser feitas para compreender construções de masculinidade negras (Collins, 1998: 32). Na mesma direção, *reconstruir* significa, também, desconstruir um forte elemento valorativo que torna a busca pela imagem do *patriarca* uma pretensão doentia, uma procura que envolve a mimetização precária de uma imagem tida com um coerente eu racial integral ideal, uma imagem de masculinidade que atua como uma entidade fantasmagórica efetiva na auto-percepção sobre si entre muitos homens negros (Johnson, 2001; Laymon, 2013; Neal, 2015; Gilroy, 2007).

Para aqueles no interior da comunidade negra procurando modelos alternativos de masculinidade, têm existido alguns escritores negros homens heterossexuais que estão dispostos a abraçar as áreas cinzas da masculinidade negra em modos que rompem rígidas percepções sobre a identidade negra heterossexual. uma masculinidade negra que é fluida e maleável, uma masculinidade que desafia as versões rígidas e truncadas da masculinidade negra que se mascara nos corpos do proverbial “homem negro forte” (Neal, 2005: 28). *Tradução minha*

Se esta perspectiva, por um lado, também pretende abrir frentes de investigação sobre a auto-percepção do homem negro (jovem ou adulto) como um caminho para se discutir criticamente a ideia de “homem completo”, por outro lado ela registra que “a supremacia branca bloqueia continuamente o seu acesso [do homem negro] a este ideal patriarcal” (hooks, 1992: 91). Isto nos leva a retomar as discussões em uma perspectiva de trabalho que nos permita repensar como estes sujeitos são socializados como “homens negros” para além do controle falocêntrico que divulga esta mensagem subterrânea de seres virulentos, vistos como

sujeitos da corporalidade exacerbada e “sobredeterminados pelo exterior”, escravo das ideias dos outros e da própria aparição (Fanon, 2008: 108). Ademais, este tipo de registro desconsidera a existência de diferentes configurações alternativas da prática de gênero, ocultando a existência de masculinidades que não se constroem a partir da virilidade e da truculência e que assumem fragilidades e vulnerabilidades (Fialho, 2006; Medrado, 2014; Figueroa-Perea, 2004). Faz-se necessário olhar para as complexidades das vidas reais e não para estigmas e estereótipos comportamentais imputados compulsoriamente nestas vidas.

No quarto escrito sobre o tema (hooks, 2004), o qual pode ser considerado como uma reunião, sistematização e amadurecimento destas reflexões anteriores sobre masculinidades e homens negros, bell hooks elaborou uma análise crítica sobre homens negros e suas masculinidades sob três aspectos: I) os modos de representação ideológica sobre masculinidades negras em distintos espaços comunicacionais e intelectuais, II) reflexões analíticas sobre práticas de socialização da juventude negra e os resultados desta socialização de masculinidades negras e III) apontamentos sobre estereótipos mobilizados historicamente sobre homens negros como práticas políticas opressivas decorrentes da intersecção entre racismo, sexismo, desigualdades de classe e sexualidade.

Neste livro completamente dedicado ao tema “homens e masculinidades negras”, bell hooks concentra suas análises sobre um conjunto de estereótipos presentes em um corpo ideológico herdado do século XVIII e XIX, oriundo do modo de produção escravista. Chamando a atenção para um modelo de socialização entre homens negros que preconiza valores masculinos essencialmente virulentos, identificada como uma “*socialização sexista e patriarcal*”, bell hooks defende a existência de uma masculinidade negra que é hegemônica entre homens negros, o que nos permite estipular a existência de outras formas de masculinidades negras não-hegemônicas (hooks, 2004: 51-58).

Esta socialização inscreve entre homens negros, sobretudo entre os de camadas populares, o arquétipo do “*ghetto gangsta-boy*”, definido como um requisito indispensável para se obter autenticidade racial: para ser visto como negro legítimo, é necessário ser truculento, virulento e agressivo. Esta associação, por outro lado, trafica subrepticamente outra sugestão: nela se registra que o comportamento truculento, virulento e agressivo serve para canalizar emoções, atuando como um veículo de expressão de outros sentimentos, aparecendo como únicas expressões do empoderamento de homens negros (Laymon, 2013). Decorre disto a circulação de ideias no senso comum que identificam os “homens negros

verdadeiros” como indivíduos com fisicalidade agressiva e politização virulenta ou, na melhor das hipóteses, como sujeitos agonisticamente histriônicos, guiados pelo instinto.

Michael Awkward (2001: 186) argumenta que dentre as “ficções e definições sociais prevalecentes sobre masculinidades negras”, a exacerbação corporal, a virulência e a sexualização de vem ser vistas de modo ambivalente entre homens negros. Ora servindo como atributos positivados, ora sendo criticados como traços animalizantes, elas acabam se tornando parte da forte ideia de “virilidade negra” que tem servido como um valor comportamental que serve para confinar, represar e conter um conjunto de emocionalidades e afetividades vistas como fragilidades e subtrações do eu racial masculino necessário para viver os problemas da vida. Ser frágil é parecer suscetível ao jogo da disputa racial.

Esta concepção dicotômica sobre homens negros já foi chamada por Frantz Fanon de cissiparidade: “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro (...) Esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial” (Fanon, 2008: 33). Esta noção de cissiparidade, destacando a ambiguidade e a ambivalência no comportamento de negros em contexto colonial ainda reaparece em algumas análises em torno das maneiras de criticar escolhas e comportamentos políticos de homens negros e suas masculinidades racializadas.

Cornel West (1993: 71) chama a atenção para como julgamentos valorativos associam previamente a politização e os discursos anti-racistas de homens negros com um comportamento “raivoso”, virulento e ingênuo. Para West, elementos como virilidade, hipermasculinidade, truculência, hipersexualização e obscurantismo também são usados para desmobilizar a legitimidade de discursos igualitários por meio da desqualificação de comportamentos de homens negros críticos das desigualdades raciais. Concordando com Cornel West, bell hooks escreve que estes elementos podem ser manipulados arbitrariamente como “traços essenciais” de homens negros e podem ser usados para manipular e desmobilizar o trabalho intelectual crítico, divulgando o anti-intelectualismo (hooks, 2004).

Em algumas famílias negras onde a leitura é encorajada para as meninas, um menino que gosta de ler é percebido como suspeito, como aquele que está sendo encaminhado para ser um “maricas”. Certamente, uma vez que pessoas negras compram a noção de uma masculinidade patriarcal, a qual declara que um homem de verdade é um corpo sem mente, garotos negros que são intelectuais, que querem ler e que querem amar os livros correm o risco de ser ridicularizados como não-masculinos (hooks, 2004: 38) *Tradução minha.*

Este homem negro passa a ser pré-concebido, à sua revelia, como um sujeito truculento, desordenado e politicamente ineficaz. Ele poderá ser facilmente visto, em contextos educacionais, políticos e intelectuais privilegiados como o militante sem rigor analítico, aquele que grita e não argumenta, aquele que briga, mas não convence, fazendo-o viver dúvidas comportamentais e desafios existenciais. Estes traços estereotipados podem ser vistos como elementos constitutivos, como componentes de autenticidade racial inscrita e subscrita entre homens negros (hooks, 2004: 52). Para Laymon, (2013) mesmo que, algumas vezes, certos homens negros subscrevam estas imagens controlados sobre si mesmos, ao criticar o racismo eles podem ser vistos como pessoas truculentas, desordenadas e politicamente ineficazes porque se valem de uma linguagem própria. Homens negros críticos do racismo que fazem uso de outras formas de discursos e expressões verbais serão lidos como militantes sem rigor analítico; de suas falas serão destacadas os gritos desordenados e não os argumentos organizados, eles serão os “brigões informais” que não convencem.

Entretanto, quando não apresentam este comportamento, escolhendo outros modos de criticar o sistema racial, surgem sobre homens negros outros caracterizadores políticos: passividade, inofensividade e conservadorismo político passam a ser usados como designativos daqueles que, sem “combatividade”, aceitam um “lugar” concedido nos espaços de poder sendo vistos como amostras do tokenismo⁵, isto é, uma concessão de lugares em espaços de poder a indivíduos de minorias que não afirmam de fato o seu poder coletivo. Eles serão os “homens negros paradigmáticos”, vistos como supostos símbolos de diversidade em espaços de poder (hooks, 2004: 40; Collins, 2004; Cashmore, 2000).

Apesar de escutarmos inúmeras vezes que homens negros privilegiados assumem o estilo “garoto gangster do gueto”, raramente ouvimos falar sobre a pressão que eles recebem das pessoas brancas para provar que são “negros de verdade”. Muitas vezes, em contextos educacionais predominantemente brancos, homens negros assumem o papel de menestrel do gueto como um modo de se proteger da raiva racializada e branca. Eles querem parecer inofensivos, não ameaçadores, e, para fazê-lo, precisam entreter as pessoas ignorantes, deixando-as saber: “Eu não acho que sou igual a você. Eu sei o meu lugar. Mesmo que eu seja educado, sei que você pensa que eu ainda sou um animal no coração” (hooks, 2004: 40) *Tradução minha*.

5 “O que o tokenismo sugere é que a presença de indivíduos negros proeminentes ou que ocupam posições de evidência em meios institucionais brancos não indica necessariamente que a) tais indivíduos tenham um desempenho significativo ou papéis influentes no progresso dos negros como um grupo b) que a presença de tais indivíduos reflete a paridade social entre os negros e os brancos como grupos” (Cashmore, 2000: 535)

Este “homem negro paradigmático” também é mobilizado como um tipo de performance social para naturalizar um lugar de poder, mesmo que controlado. Ele passa a ser corolário do “(...) legado da masculinidade patriarcal benevolente e sua concomitante ética do trabalho e a saudade pelo poder enraizado na vontade de dominar e conquistar”, procurando reinstituir seu poder mediante a associação com homens brancos (hooks, 2004: 16). Para bell hooks, é necessário estar atento para representações estereotipadas de masculinidades negras como identidades fixas nas quais se imputam o que ela identifica este anti-intelectualismo, um elemento que tem aparecido como uma arma de enfraquecimento da educação formal como fonte de conhecimento e liberação política (hooks, 2004: 38; 1994).

O anti-intelectualismo discutido por bell hooks envolve dois elementos intimamente associados. O primeiro é um recorrente distanciamento entre maneiras normativas de ser homem negro das práticas de constituição do *Self* pautadas na intelectualização e no trabalho reflexivo como qualidades socialmente valorizadas. O Segundo é uma persistente associação entre trabalho intelectual-acadêmico em todos os níveis de escolaridade com uma noção estereotipada de um feminino normativo e estereotipado, fazendo correlações pejorativas entre homens negros com bom desempenho escolar e identidades homossexuais e femininas, afastando a possibilidade de inscrever a heterossexualidade entre masculinidades negras a partir de atributos como sensibilidade, emocionalidade, afetuosidade e perspicácia intelectual.

Porém, a concepção deste “homem negro paradigmático” ainda se localiza sob a chave de um status hierarquizado e subordinado. Henry Gates Jr (2001) nos traz uma reflexão pertinente que ajuda a criticar esta concepção. Para ele, dentre as várias maneiras de olhar analiticamente para homens negros, há uma na qual um homem negro “politizado” e “polido” que “critica os sistemas racistas aos moldes adequados”, pode ser rapidamente definido como aquele que faz isto para agrandar o status quo e, deste modo, ser visto como passivo e comportado. É neste quadro que podemos mobilizar as críticas do Kobena Mercer (1997: 59) para discutir como representações ambivalentes e fetichizadas sobre corpos de homens negros tem suscitado dúvidas, inquietações e desafios existenciais sobre seus comportamentos. Sentir-se vigiado, aterrorizado e analisado em sua vida cotidiana, perceber-se no interior de um esquema político no qual a conduta precisa ser a “correta” é um tipo de controle social subjetivo que diferentes homens negros em espaços intelectualizados podem sentir.

Investigações sobre masculinidades negras entre homens negros de camadas médias, entre homens negros de famílias pobres que investem no trabalho intelectual e acadêmico e

entre homens negro transmasculinos ainda é reduzido em razão do status subordinado que eles ocupam nas discussões sobre masculinidades. Sabemos pouco sobre como estas masculinidades se costróem sem privações ou instabilidades econômicas, como vivenciam processos de masculinização e racialização a partir da transmasculinização e como as distinções de classe, sob a forma de sensibilidades, maneirismos e visões políticas sobre a sociedade entre indivíduos negros de camadas médias urbanas diferenciam ainda mais estes processos (hooks, 2000a: 21-22). Estudos sobre masculinidades entre intelectuais homens negros também precisam ser construídos. Estes estudos podem ajudar a discutir os modos pelos quais homens negros intelectuais são vistos por seus familiares e pares de trabalho. Será que todos são vistos como sujeitos isolados e afastados das atuações políticas vistas como legítimas? Será que são vistos como um tipo de “negro traidor e passivo”, classificado como um ser distante da realidade racial vivida nas ruas? (West, 1994). Será que todos os homens negros de camadas médias vivenciam exigências familiares pelo sucesso profissional e educacional de modo diferente do que é vivido por homens negros pobres? Se àqueles estão disponíveis um conjunto de recursos materiais e capitais culturais que à estes geralmente não estão, qual é a relação desta disponibilidade com os modos de ser homem negro?

Patricia Collins tenta articular estas diferenças de classe em uma análise feita sobre duas imagens controladas existentes sobre homens negros de camadas médias no contexto estadunidense: o “amigo preto” (“*Black Buddy*”) e o “parceiro preto” (“*Black Sidekick*”). Ambas imagens são apresentadas sobre homens negros de camadas médias que vivem relações assimétricas, cujas relações ocorrem sob comportamentos politicamente conservadores e passivos (Collins, 2004: 167). Para Collins, o “*Black Sidekick*” é uma imagem de um acompanhante negro remunerado cuja incompletude social serve totalmente ao seu condutor: um homem branco poderoso, supostamente tolerante em termos raciais. Por sua vez, o “*Black Buddy*” é o amigo negro cuja identidade masculina incompleta apresenta a lealdade como atributo principal para servir de modo dependente à realização da masculinidade de um homem branco. Este “irmão negro” é, meramente, uma persona desracializada (*raceless*), sem identidade racial individual, uma vez que toda a sua *agência política* está em função de outra. Ele aparece como alguém bastante dependente dos bens materiais e simbólicos que este homem branco pode ou não oferecer (Collins, 2004:170).

Esta análise de Collins permite que sejam feitas críticas severas as maneiras como estas imagens controladas de servilidade relacional pretendem se confundir com todas as

relações inter-raciais concretas. Ao explorar associações anacrônicas, estas imagens controladas de servilidade racial e econômica insistem em conceber homens negros em posições privilegiadas nas estruturas de classe ainda a partir da subordinação relacional; supostamente aquiescentes, estas masculinidades negras são vistas como configurações tecidas conscientemente para conseguir poderes materiais e bens simbólicos, suprimindo a discussão sobre como estes homens negros vêem a si próprios nestas relações como sujeitos com interesses e projetos individuais. Ademais, negligencia-se o fato de que estas relações são parte importante (não fundamental, não crucial) das inúmeras relações que homens negros vivenciam no conjunto de suas vidas reais (Summers, 2005; Coates, 2015; Laymon, 2013).

Assim, se a perspectiva de cissiparidade é, por um lado uma crítica contumaz ao lugar do homem negro em espaços de poder, ela pode também, por outro lado, comprimir a compreensão das diferentes masculinidades negras e suas distintas possibilidades de agência e escolhas políticas dentro das relações de poder estabelecidas. Análises que seguem a lógica da cissiparidade podem ser críticas pertinentes à comportamentos conservadores de homens negros, mas também podem revelar um jogo de expectativas e ansiedade políticas idealistas que confundem nossas análises ao registrar a atribuição prévia de lugares sociais imóveis para homens negros, criticando-os a partir do cumprimento ou não destas expectativas que deles se demandam, sejam elas politicamente combativas, sejam elas vivências solitárias no mundo da intelectualidade e dos negócios capitalistas (hooks, 1990; Gates Jr, 2001; West, 1993; 1994).

Por outro lado, não se explica nestas análises que os movimentos em busca de mobilidade social não são ações autossuficientes e não podem, desta maneira, dispensar as relações de interesses feitas também com pessoas não-negras. A participação no “jogo” de competição e negócios de mercado exige das pessoas que participam dos negócios capitalistas que sejam usuárias de todos os mecanismos disponíveis para participar desta lógica de interesses políticos e econômicos utilitaristas e moralmente egoístas (West, 1993; Coates, 2015; Neal, 2005). É este “jogo” que deve receber as críticas e não alguns dos seus “jogadores”. Mesmo que seja possível que a violência e a exploração imanentes ao *ethos* de ganância do mercado capitalista não eliminem o que hooks chama de ética do amor, não é a busca pela ascensão social e pelo bem estar material que é o objeto de uma de suas críticas anti-mercado a partir do estudos sobre classes e raça (hooks, 2000a). Para bell hooks, é a exploração dos discursos em favor da solidariedade racial feita por lideranças políticas negras

de camadas médias e alta para fins eleitorais que se opõem as políticas afirmativas para negros pobres que deve ser objeto de crítica oposicional (hooks, 2004: 60; 2000c; 2000a)⁶.

É possível complementar algumas análises e interpretações que elidem complexidades emocionais e interesses políticos nos estudos sobre subjetividades, vivências sociais e experiências simbólicas atinentes as masculinidades negras. É possível deixar de dar tanta atenção à subordinação e à hierarquização política como algo imutável estruturalmente quando se pensa em masculinidades negras. Em outras palavras, por meio da ênfase sobre a marginalização de *um* projeto de gênero racializado, deixamos de identificar e ressaltar outras maneiras de constituição de subjetividades e experiências pelas quais diferentes corpos são masculinizados e racializados, homogeneizando o vivido social como algo heterogêneo:

Através da ênfase sobre a marginalização, de *uma* masculinidade negra, falha-se em considerar o modo pelo qual a construção e a performance das masculinidades negras ocorrem fora das relações dos homens negros com o Estado e como elas, alternadamente ou mesmo simultaneamente, definem a resistência com a cultura dominante, criando o conflito no interior das comunidades subordinadas” (Summers, 2005:13). *Tradução minha.*

Sugere-se, deste modo, que o estudo das distintas masculinidades negras existentes deve ser feito em uma perspectiva de análise que busque a tensão entre agência e controle social, privilégio e subordinação, possibilidades e limites, suplantando percepções sobre a realidade que concebem homens negros e suas relações de maneira monolítica e monista (Ikard, 2002: 306). Buscar perceber práticas concretas é tensionar um “modelo de análise posicional” que muitas vezes toma o visível e o discursivo como a imagem direta e transparente do que são homens negros, previamente pensados como indivíduos imobilizados socialmente. Este modelo posicional nos leva a conceber os grupos raciais como aglomerados homogêneos sem fragmentações, conflitos e múltiplas diferenciações internas. Definir “os homens negros” como um coletivo significa estabilizar, imobilizar e anular a agência dos sujeitos e de suas ações em uma estrutura sócio-racial que passa a ser vista como impermeável a modificações políticas possíveis, ocultando também mudanças históricas sobre as ideias e significados acerca de masculino e do feminino, de homens e de mulheres (Scott, 2014: 101).

A leitura do feminismo negro delineada aqui ajuda a fortalecer uma perspectiva de análise sobre masculinidades negras que possibilita constituir registros diferentes sobre como

6 Neste ponto, bell hooks se refere a redução das políticas afirmativas por governos republicanos no começo da década de 1990 que recebeu o apoio de políticos e empresários negros nos EUA ver: (hooks, 2000a).

raça, gênero e classe se interseccionam em processos mutáveis de inscrição de sujeitos que muitas vezes conferem um *lugar de negro* “encravado” nas práticas sociais atribuídas à homens negros (desde as ideias estereotipadas que circulam no dito senso comum, até as análises conceituais mais sofisticadas). Ultrapassar este *eu racial masculino* que é apresentado com um corpo marcado pela fisicalidade, associado somente aos homens das camadas populares, super-heterossexual, pouco afetuoso, “legitimamente macho” e despido de qualquer feminilidade é permanecer na articulação de percepções sobre a inter-atuação entre raça, gênero e classe em uma abordagem ainda dicotômica que gira em torno ou da potência/poder/quase-humanidade ou da negação desta potência/poder/quase-humanidade.

Esta abordagem tem trazido alguns resultados importantes quando articula a identificação, a compreensão e a denúncia de formas de violência e de discriminação institucionais e de genocídio de homens negros no espaço urbano e rural. Como consequência, esta chave “potência/poder” acaba por destacar a violência, a discriminação e os estereótipos raciais como “os únicos” problemas decorrentes do racismo. Silencia-se sobre como fragilidades, vulnerabilidades, sofrimentos e suscetibilidades são proibidas de existir, sobre como tais elementos são expressão de complexos que envolvem a negação e a permissão para sentir as próprias dores (Coates, 2015). Instilando um tipo de “masculinidade precarizada” mediante à vivência da subordinação e do sofrimento, pouca atenção é dada ao modos pelos quais a socialização articula sexismo e racismo na constituição de um sujeito social pouco conhecido e eminentemente complexo que acaba por ser visto, ironicamente, como “um” sujeito, tornando a análise uma mera reafirmação da aparição racial de um corpo negro visto sempre em terceira pessoa, apenas um corpo denso de incertezas (Fanon, 2008: 104).

As análises do feminismo negro e as discussões feitas pelos autores identificados como “homens negros feministas” ajudam nesta discussão ao propor indagações sobre a constituição, socialização, mudanças e sociabilidades vividas por homens negros fora do status da marginalização, da subordinação e do não-poder, escritos por eles próprios. De modo geral, com base na discussão registrada neste artigo, a existência de certos modos de produção sócio-psicológicos e político-raciais de masculinidades racializadas deve ser investigado em seus pormenores. O feminismo negro e os debates a partir da perspectiva da interseccionalidade ajudam a identificar o funcionamento, investigar as lógicas e criticar os procedimentos políticos mobilizados nestes modos de produção complexos de masculinidades negras. Precisamos estudar como diferentes instituições, grupos familiares, tradições culturais,

redes de amizade, espaços de sociabilidade, mercado de trabalho, sistemas educativos formais e não-formais atuam nestes modos de produção das masculinidades racializadas.

O conhecimento com posicionalidade política, radicalizada pelo feminismo negro pode ser re-traduzido nos debates sobre masculinidades negras no Brasil. Ele nos instiga a pensar em uma abordagem em primeira pessoa, re-traduzida em um vocabulário analítico que revele os complexos aspectos da vida social do “negro-vida”, um sujeito que “(...) não se deixa imobilizar; é despistador, protéico, multiforme” e que se opõem ao “negro-tema”, uma coisa examinada de fora (Ramos, 1995: 215). Precisamos produzir mini-narrativas sobre nós mesmos como sujeitos múltiplos, instáveis, contraditórios, multifacetados e paradoxais.

Bibliografia Consultada:

AWKWARD, Michael. 2001. A Black Man's Place in Black Feminist Criticism. **Traps: African American Men on Gender and Sexuality**. (orgs.) BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. Indiana University Press, pp. 223-235.

BANDEIRA, Lourdes. A violência doméstica: uma fratura social nas relações vivenciadas entre homens e mulheres. In: **Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2013, p. 63-78.

BHABHA, Homi K. 2007. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG.

BRAH, Avtuh. 1996. **Cartographies of Diaspora. Contesting identities**. Routledge, London.

CASHMORE, Ellis. 2000. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Selo Negro.

CAVALLEIRO, Eliane. 1999. **O Processo de Socialização na Educação infantil: A Construção do Silêncio e da Submissão**. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo, 9 (2).

CONNEL, R. W. 2000. **The Men and The Boys**. University Of California Press.

_____. 1997. La Organización Social de La Masculinidad. In: VALDÉS, T. & OLAVARRÍA, J. (Orgs.). **Masculinidad/es, Poder y Crisis**. Flacso, Chile, pp. 31-48.

COLLINS, Patricia H. 1986. **Learnig from the Outsider Within: the Sociological Significance of Black Feminist Thought**. Social Problems, v. 33, n. 6, (Oct.-Dec.), p. 14-32.

_____.1998. **Intersections of race, class, gender, and nation: some implications for black family studies.** Journal of Comparative Family Studies. 29.1 Spring, p 27-34.

_____. 2000a. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment.** New York: Routledge.

_____. 2000b. **Gender, Black Feminism, and Black Political Economy.** In: ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, n. 568: v. 41.

_____. 2004. **Black Sexual Politics: African Americans, Gender and the New Racism.** New York: Routledge.

CRENSHAW, Kimberlé. 1993. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color.** Stanford Law Review, vol. 43, n. 124.

COATES, Ta-Nehisi. 2015. **Between the World and Me.** New York: Spiegel & Grau.

IKARD, David. 2002. **“Love Jones: A Black Male Feminist Critique of Chester Himes's If He Hollers Let Him Go”.** African American Review, vol. 36, n. 2.

FANON, Frantz. 2008. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Rio de Janeiro. Edufba.

FIALHO, Fabrício. 2015. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica,** 2006. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf. Acesso em: 10 jan.

FIGUEROA-PEREA, Juan. 2004. **La Representación Social de los Varones en Estudios sobre Masculinidades y Reproducción: un muestrario de reflexiones** In: MEDRADO, B. et al.(Orgs.) **Homens: tempos, práticas e vozes.** Recife: Instituto Papai/Fages/Nepo/Pegapacará, p.22-34.

GATES Jr. Henry Louis. 2001. **Thirteen Ways of Looking at a Black Man. Traps: African American Men on Gender and Sexuality.** (orgs.) BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. Indiana University Press, pp. 223-235.

GILROY, Paul. 2001. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, C. E. Afro-Asiáticos.

_____. 2007. **Entre Campos: Nações, Culturas e o fascínio da Raça.** São Paulo, Annablume.

hooks, bell. 1989. **Talking back: thinking feminist, thinking black.** Boston: South End Press.

_____. 1990. Postmodern Blackness. In: **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics**. Boston: South End P, pp: 624-631.

_____. 1991. **Essentialism and Experience**. In: American Literary History, v. 3, n. 1, p. 172-183.

_____. 1992. **Black Looks: race and representation**. Boston: South End Press.

_____. 1993. **A Revolution of Values: The promise of Multi-Cultural Change**, In: The Journal of Midwest Modern Language Association, vol. 26, n. 1, pp. 4-11.

_____. 1995. **An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional**, In: Lenox Avenue: A Journal of Inter-Arts Inquiry, vol. 1, pp. 65-72.

_____. [1984] 2000. **Feminist Theory: from margin to center**. New York: South and Press, 2^a Ed.

_____. 2000a. **Where we stand: class matters**. New York: Routledge.

_____. 2000b. **Feminism is for Everybody**. Cambridge: South end Press.

_____. 2000c. Living to Love. In: PLOTT, M. UMANSKY, L. **Making Sense of Women's Lives: An Introduction to Women's Studies**. Maryland: Rowman & Littlefield, p. 231-236.

_____. 2004. **We Real Cool: black man and masculinity**. New York: Routledge.

_____. 2008. **Ensinar novas paisagens, novas linguagens**. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 857-864, (Set.-Dez).

HAYWOOD Chris; MAC AN GHAILL, Mártín. 2012. **What's next for masculinity?' Reflexive directions for theory and research on masculinity and education**, Gender and Education, Vol. 24, No. 6, October, 577–592.

IKARD, David. 2002. **A Black Male Feminist Critique of Chester Himes's "If He Hollers Let Him Go"**. African American Review, Vol. 36, No. 2 (Summer), pp. 299-310.

JOHNSON, Charles. 2001. A Phenomenology of the Black Body. In: **Traps: African American Men on Gender and Sexuality**. (orgs.) BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. Indiana University Press, p. 223-235

LAYMON, Kiese. 2013. **How to slowly kill yourself and others in America**. Chicago: Bolden.

LINDA, Nicholson. 2000. **Interpretando o gênero**. Estudos Feministas, v. 8, n. 2. Florianópolis, pp. 9-42.

MERCER, Koben. 1997. Reading Racial Fetishism. In: HALL, Stuart (org.). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London, Sage, pp. 153-164.

MEDRADO, Benedito. 2014. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. In: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** (org.) BLAY, Eva Alterman. São Paulo: Cultura Acadêmica.

NEAL, Mark Anthony. 2005. **New Black Man**. New York, Routledge.

NICHOLSON, Linda. 2000. **Interpretando o gênero**. Estudos Feministas, v. 8, n. 2. Florianópolis, pp. 9-42.

NKOSI, Deivison. 2014. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** (org.) BLAY, Eva Alterman. São Paulo: Cultura Acadêmica.

PINHO, Osmundo. 2014. The Black Male Body and Sex Wars in Brazil. **Queering Paradigms: South-North Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms**. LEWIS, E.; BORBA, R.; FABRICIO, B.; PINTO, D. (Orgs.), vol. 4, p. 301-321.

_____. 2012. **Race Fucker: representações raciais na pornografia gay**. Cadernos Pagu n. 38, Janeiro-junho de, pp.159-195.

RAMOS, Guerreiro. 1995. Patologia Social do Branco Brasil. In: **Introdução crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRG, pp. 215-240.

ROSA, Wladimir. **Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro**. Brasília: Dissertação (mestrado em antropologia). Departamento de Antropologia, UNB, 2006.

SCOTT, Joan W. 2014. **História, feminismo y política: una entrevista con Joan Wallach Scott**; (Org. BACCI, Claudia). Rey Desnudo, Año II, No. 4, Otoño.

_____. 1995. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez.

_____. 1988. **Deconstructing Equality-versus-Difference: Or, the Uses of Poststructuralist Theory for Feminism.** Feminist Studies, Vol. 14, n. 1 (Spring), pp. 32-50.

_____. 1994. **Prefácio à Gender and Politics of History.** Cadernos Pagu, n. 3, pp. 11-27.

SOUZA, Rolf. 2009. **As representações do homem negro e suas consequências.** Revista Forum Identidades, Ano 3, Vol. 6, jul-dez.

SUMMERS, Martin. 2004. **Manliness & Its Discontents: the black middle class & the transformation of masculinity 1900-1930.** The University of North Carolina Press.

WEST, Cornel. 1994. **Questão de Raça.** São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1993. **Kepping Faith: Philosophy and Race in America.** New York, Routledge.